



Disputas comunicacionais: imprensa e conflitos políticos no governo de Salvador Allende

Raphael Silva Bernardes*

BERNARDES, R. S. **Disputas comunicacionais:**
imprensa e conflitos políticos no governo de Salvador Allende.
História Social, v. 19 n. 27/28, 2024, pp. 726-732.

Resenha de: SANTOS, Emmanuel dos. **Imprensa e Poder:**
a via chilena ao socialismo e os jornais *El Mercurio* e *La Nación*.
Rio de Janeiro: Telha, 2020. 342 p.
<https://doi.org/10.53000/hs.v19i27/28.5287>

O movimento contrarrevolucionário chileno, que destituiu o governo da Unidade Popular (UP) em seus mil dias e instaurou a ditadura militar pinochetista neoliberal, se tornou um dos grandes símbolos do Terrorismo de Estado na América Latina. Tendo isso em vista, a historiografia produzida sobre esse período é muito conflituosa e possui muitos embates, levando a diferentes correntes de análises e interpretações.

De primeiro momento se privilegiou uma visão tradicionalista e neoconservadora, preponderante nas duas últimas décadas do século XX, em que os autores defendiam que o período da UP fomentou a violência política por parte das esquerdas. De modo que, o golpe militar de 1973 foi

* Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

um ponto de ruptura de uma crise de autoridade e de valores tradicionais, em que as forças armadas intervieram para reestabelecer a ordem nacional².

Por outro lado, Frank Gaudichaud³ afirma que após a hegemonia dessa corrente histórica, surgiu uma percepção “mesohistórica”, ligada ao cristianismo social e a ciência política. Na qual se deu enfoque aos relatos daqueles que viveram os anos da UP e sofreram na ditadura, privilegiando a descrições concretas dos eventos por meio do método de uma história positivista.

Uma grande via de pensamento foi a de viés marxista, que durante três décadas dominou a história do movimento operário chileno e do governo da Unidade Popular sob uma percepção ortodoxa. Esta linha de interpretação marxista concebia a história com uma espécie de determinismo dos fatos e teleológica⁴. Contudo, com o fim da União Soviética e a queda do muro de Berlim, uma linha teórico-metodológica revisionista que privilegiava outros aspectos desse fenômeno político, como discussões centradas na economia e nas alianças institucionais, foi preponderante.

Nota-se que a partir dos anos 2000 há uma diversificação dos focos de pesquisa sobre a Unidade Popular, com uma ampliação de temas, que permeiam o social, a cultura, as comunidades indígenas, os trabalhadores e as oposições políticas e golpistas. Nesse sentido, os estudos sobre imprensa e sua atuação passam a ganhar destaque, levando em consideração as obras de Patricio Bernedo, Claudia Lagos, dentre outros autores. Contudo, essa discussão não havia chegado nas universidades brasileiras.

Nesse cenário, o autor, Emmanuel dos Santos, doutor em história pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), desenvolveu sua pesquisa sobre a imprensa chilena durante o mandato de Salvador Allende, com foco nos jornais *El Mercurio* e *La*

² GAUDICHAUD, Frank. A 50 años de la elección de Salvador Allende: historiografía crítica y pistas de investigación para (re)pensar la Unidad Popular. In: COSTA, Adriane Vidal; BORGES, Elisa de Campos (Orgs.). **Os 50 anos da Unidade Popular no Chile: um balanço historiográfico**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020, p. 19.

³ *Ibid.*, p. 20.

⁴ *Ibid.*, p. 20.

Nación, durante sua dissertação na mesma instituição. Assim, em sua obra, ele traz reflexões fundamentais acerca dos anos de governança da UP, e como a imprensa estatal e privada participaram diretamente nessa experiência política até o golpe de Estado em 1973. Composta por 3 capítulos centrais, no qual discorre, num primeiro momento, sobre a origem dos periódicos, depois, do posicionamento deles durante o período analisado, e, no último capítulo desenvolve os ideários e imaginários criados, entre a ordem e a subversão.

Ao longo da obra são tratadas as perspectivas ideológicas e políticas dos jornais citados durante momentos de tensão enfrentados pelo governo, como o *Paro Geral de Octubre de 1972*, uma greve geral dos caminhoneiros que gerou um grave desabastecimento no país; as eleições parlamentares de 1973 até o golpe de Estado no mesmo ano. Assim, o autor explicita esses fatos por meio de uma pesquisa bibliográfica de fôlego e com uma precisa análise crítica das representações políticas das edições, que circularam de 1970 a 1973, compreendendo esses jornais como representações de um tempo histórico e produzidas por autores vinculados a determinado pensamento político.

Para compreender esse contexto deve-se voltar à figura de Allende, um médico ligado ao trabalho social e político de profícua carreira, que ascendeu ao cargo de chefe de Estado do Chile em 1970, em um cenário eleitoral extremamente polarizado e de conflito social. A partir desse cenário, o livro *Imprensa e Poder: a via chilena ao socialismo e os jornais El Mercurio e La Nación*⁵, busca evidenciar de que maneira os jornais *El Mercurio* e *La Nación* se comportavam nos debates acerca do processo de Via Chilena ao Socialismo, tratando ambos como frutos de seu tempo histórico e sujeitos ativos na transformação política.

De acordo com o autor, o jornal *El Mercurio* se consagrou como um dos mais tradicionais da história chilena, tendo sido fundado em 1827, na cidade de Valparaíso, passando a ter maior notoriedade quando a família

⁵ SANTOS, Emmanuel dos. **Imprensa e Poder: a via chilena ao socialismo e os jornais El Mercurio e La Nación**. Rio de Janeiro: Telha, 2020. 342 p.

Edwards assumiu a direção, processo que culminará na abertura de uma sede na capital chilena, sob o comando de Augustin Edwards Mac Clure, em 1900. De maneira que, desde sua gênese, propunha-se uma linha editorial de neutralidade política e de uma renovação da imprensa. Contudo, o alto escalão dos membros, incluindo o dono, participavam do Partido Nacional, articulando para a disseminação do ideário liberal e conservador.

Com os anos de governo da Unidade Popular, a empresa estava sob gestão de Augustín Edwards Eastman, neto de Mac Clure, mantendo essa postura e assumindo um profundo anticomunismo na linha editorial. Sobre esse cenário, observa-se o ineditismo desse periódico ao incorporar em suas edições o conceito de antimarxismo, dada as particularidades da via chilena ao socialismo.

Com frequência, era utilizado nas notícias o termo “marxismo”, em detrimento de “comunismo”, para se referir a UP e ao governo que os socialistas almejavam construir. Dessa forma, o jornal estabeleceu a concepção de igualdade ou similaridade entre os setores heterogêneos da esquerda, até em relação a segmentos externos a UP, como o *Movimiento de Izquierda Revolucionária* (MIR), associando Allende aos discursos de grupos que propunham uma revolução armada e a ruptura com a legalidade constitucional vigente.

Vale destacar que por meio de análises de documentos da Central de Inteligência norte-americana (CIA) e do ministério de Relações Internacionais dos EUA, o autor desvela como o governo do republicano Richard Nixon interveio diretamente no processo do golpe de Estado chileno. O autor apresenta como houve um maciço investimento nos meios de comunicação oposicionistas, em especial o *El Mercurio*, que recebeu mais de um milhão de dólares para que fosse criado um cenário propício para uma intervenção militar. Entretanto, Santos destaca que esse apoio não foi o único motivo para a destruição da Unidade Popular, pois houve a participação de outros atores nessa trama complexa.

Em contrapartida, o *La Nación* possui uma documentação mais escassa quanto a sua origem, mas pode-se inferir que foi fundado em 1917

por um grupo de senadores liberais, passando a ser controlada pelo Estado em 1927, durante o governo de Ibáñez, para silenciar vozes críticas e ser um veículo de propaganda oficial. Com os anos 1970, o jornal passa a ser gerido pelo intelectual socialista Oscar Waiss, que tinha a intenção de tornar esse meio de comunicação um espaço plural, dedicado à difusão das diferentes concepções da UP, visando unificar as esquerdas daquele período.

Após desenvolver esse panorama histórico dos jornais no primeiro capítulo, o autor se concentra em demonstrar quais eram as posturas desses jornais durante a conjuntura chilena do governo da Unidade Popular. Primeiramente, é abordado o final das eleições de 1970 e o início do mandato de Allende, em que o *El Mercurio* manipulava a população para não aceitar um governo “comunista”, enquanto o *La Nación* defendia a alternância de poder e a legalidade constitucional.

Santos desvela que a partir do desenvolvimento da crise política do governo Allende, em 1972, o *El Mercurio* passou a assumir uma postura de criação de uma sensação de insegurança e de caos social, noticiando diversos ataques e confrontos que aconteciam no Chile daquele momento, de forma que se culpabiliza associações de esquerda ligadas a UP e ao MIR. Para tanto, é adotada uma postura nitidamente “antimarxista”, na qual reafirmava a deslegitimação e a inconstitucionalidade das ações do governo de Allende. Todavia, o impresso recorria a construção de uma identidade jornalística imparcial e séria, para tal explorava o medo do Chile se tornar uma “nova Cuba” e dos perigos do socialismo, que levaria o país a uma ditadura totalitária, similar ao Nazismo, em que as liberdades seriam cerceadas e haveria o controle dos corpos.

Por outro lado, o *La Nación* tentava combater essa concepção, uma vez que a percepção da revolução socialista e da transformação da realidade vigente faziam parte de sua linha editorial. Segundo Santos, o jornal manteve uma postura única quanto aos caminhos da revolução chilena, mesmo que abrangesse as percepções dos membros da Unidade Popular. Entretanto, desde 1971 já se estampava nas páginas das manchetes que se

vivia um governo revolucionário e popular. Mesmo que recorresse a conceitos clássicos do marxismo de Marx, Engels e Lenin compartilhava-se a noção revolucionário-constitucionalista de Allende e seus apoiadores.

Com o discorrer da obra, a imprensa no governo de Salvador Allende é tratada com uma riqueza de detalhes, mostrando que a noção de “liberdade de imprensa” não é universal, uma vez que os atores desses jornais são sujeitos históricos, advindos de um lugar social específico. Sob esse prisma, Santos considera que durante os anos Allende não houve uma política de democratização e de regulamentação sobre os grandes veículos de comunicação. Além de que, a postura adotada pela UP de tentar apaziguar conflitos com os setores antidemocráticos, como o caso do *El Mercurio*, e a falta de reconhecimento feitas por setores da esquerda e do *La Nación*, teriam levado ao desfecho golpista em 1973.

Para além desse fator, o jornal de Waiss manteve uma insuficiência de apoio a Unidade Popular, uma vez que por ser um meio de comunicação estatal não soube explorar as particularidades e riquezas do processo revolucionário chileno, fragilizando as alianças existentes entre as esquerdas. Nesse sentido, mesmo que fosse uma mídia favorável ao governo, não conseguiu manter uma postura concreta contra os embates com a oposição.

Santos explicita como o *El Mercurio*, fruto da iniciativa privada, foi decisivo no movimento militar golpista de 1973 que derrubou Salvador Allende, mantendo um dos principais núcleos da sociedade civil favorável a uma disposição não democrática para acabar com a experiência política da UP. Mesmo que para isso fosse necessário a disseminação de notícias falsas, que criassem um clima propício para uma intervenção militar.

Por ser fruto de sua dissertação, o livro propõe uma visão sobre os ideários e imaginários políticos desse período, a partir de uma fundamentação em obras de outros autores, principalmente daqueles presentes na historiografia chilena, que contribuíram para as discussões acerca do período de governo de Allende e do golpe militar de Pinochet. Um dos grandes trunfos dessa obra foi a divulgação desse assunto de forma aces-

sível no Brasil, uma vez que a maioria das obras desse período da história chilena se encontram em espanhol.

Contudo, mesmo com a relevância do assunto discutido e a abordagem inovadora de Santos, há fatores maiores no processo golpista que ocorreram no país sul-americano expostos amplamente pela historiografia e por outros autores. Se por um lado, os embates exercidos pela imprensa surgem como um novo agente na concretização da instauração da ditadura militar, o imperialismo americano, os entraves feitos pelo Partido Nacional e a Democracia Cristã e outras ações também foram cruciais.

Nesse sentido, a obra de Santos é de suma importância para compreender o papel ideológico que a imprensa exerce na sociedade, demonstrando como ela foi crucial para apoiar ou destituir um presidente que havia sido eleito democraticamente pelo povo chileno. Na contemporaneidade, esse cenário em que os meios de comunicação dominantes exercem sua influência nos rumos políticos, principalmente para desmobilizar experiências populares e que almejam um horizonte de futuro diferente das amarras da opressão em que vivem, é recorrente na América Latina.

Referências

GAUDICHAUD, Frank. A 50 años de la elección de Salvador Allende: historiografía crítica y pistas de investigación para (re)pensar la Unidad Popular. In: COSTA, Adriane Vidal; BORGES, Elisa de Campos (Orgs.). *Os 50 anos da Unidade Popular no Chile: um balanço historiográfico*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020, p. 15-40.

SANTOS, Emmanuel dos. *Imprensa e Poder: a via chilena ao socialismo e os jornais El Mercurio e La Nación*. Rio de Janeiro: Telha, 2020. 342 p.

Recebido em: 27/07/2024

Aceito em: 07/01/2025